

# **“Café & prosa com as Marias”**: avaliação das mulheres sobre grupos operativos no manejo da violência de gênero

Luís Paulo Souza e Souza<sup>1</sup>, Rosana Franciele Botelho Ruas<sup>2</sup>, Maria Fernanda Santos Figueiredo Brito<sup>3</sup>, Maísa Tavares de Souza Leite<sup>4</sup>, Sônia Maria Soares<sup>5</sup>

## **Resumo**

Este estudo objetivou avaliar, sob o ponto de vista das participantes, aspectos importantes dos grupos operativos no manejo da violência contra a mulher. A pesquisa foi qualitativa, do tipo estudo de caso, desenvolvida com mulheres adultas, residentes na área de abrangência de uma Estratégia Saúde da Família em Montes Claros, Minas Gerais. Foram realizados 10 encontros com os grupos, no período de fevereiro a maio de 2013, com a participação de 10 mulheres. Os dados foram coletados por meio de entrevistas e analisados segundo os indicadores do processo grupal de Pichon-Rivière. A abordagem do grupo ancorada nessa teoria permitiu aos coordenadores do grupo uma aproximação e ampliação do olhar para realidade das mulheres sobre a violência. A dinâmica grupal cooperou para manifestação de aspectos subjetivos latentes que (re)orientavam cada reunião no sentido de aprofundar/explicitar medos, necessidades e condições de enfrentamento. A partir dos indicadores do processo grupal na teoria pichoniana abordados, a estratégia dos grupos operativos torna-se uma forma efetiva do profissional de saúde construir, interpretar e reavaliar modelos de trabalhos com grupos, especialmente de mulheres.

## **Palavras-chave**

Violência. Estrutura de Grupo. Educação para a Saúde Comunitária. Empoderamento. Saúde da Mulher.

- 1.** Doutorando em Saúde Pública pela Universidade Federal de Minas Gerais; professor do Departamento de Medicina da Universidade Federal de São João Del Rei (Campus Dom Bosco), Minas Gerais, associado da Associação Brasileira de Saúde Coletiva. E-mail: luis.pauloss@hotmail.com.
- 2.** Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal de Minas Gerais; professora do Instituto Superior de Educação, Minas Gerais; associada da Associação Brasileira de Saúde Coletiva. E-mail: rosanaruas@yahoo.com.br.
- 3.** Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais; professora do Departamento de Saúde Mental e Saúde Coletiva na mesma universidade. E-mail: nanda\_sanfig@yahoo.com.br.
- 4.** Doutora em Ciências pela Universidade de São Paulo; professora do Departamento de Enfermagem da Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: maisa.leite@unimontes.br.
- 5.** Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo; professora associada do Departamento de Enfermagem Básica da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: smssoares@enf.ufmg.br.

# **“Coffee and talk with Marias”**: women’s assessment of operative groups in the management of gender violence

Luís Paulo Souza e Souza\*, Rosana Franciele Botelho Ruas\*\*, Maria Fernanda Santos Figueiredo Brito\*\*\*, Maísa Tavares de Souza Leite\*\*\*\*, Sônia Maria Soares\*\*\*\*\*

## **Abstract**

The objective of this study was to evaluate, from the participants’ perspective, the important aspects of operative groups in the management of violence against women. The research conducted is a qualitative case report involving adult women living in an area under the coverage of a Family Health Strategy Program in Montes Claros, Minas Gerais. Ten meetings were held with groups consisting of 10 women from February to May, 2013. Data were collected by means of interviews and analyzed according to Pichon Rivière’s group process indicators. By using the above-mentioned theory, group coordinators were able to be more sympathetic towards violence against women. The group dynamics helped women to express subjective and latent issues which reshaped every new meeting in the sense of discussing and expressing fears, needs, and fights in depth. Drawing on the group process indicators of the Pichonian thinking the operative group strategy turns out to be an effective manner by which health care providers can build, interpret and evaluate group work models, particularly that of women’s.

## **Keywords**

Violence. Group Structure. Community Health Education. Empowerment. Women’s Health.

\*Postdoctor research in Public Health, Federal University of Minas Gerais, State of Minas Gerais, Brazil; professor at the Medical School Department of the Federal University of São João Del Rei, Campus Dom Bosco, State of Minas Gerais, Brazil; member of the Brazilian Association of Collective Health. E-mail: luis.pauloss@hotmail.com.

\*\* MSc Nursing, Federal University of Minas Gerais, Brazil; professor at the Institute of Higher Education, State of Minas Gerais, Brazil; member of the Brazilian Association of Collective Health. E-mail: rosanaruas@yahoo.com.br.

\*\*\* PhD in Health Sciences, State University of Montes Claros, State of Minas Gerais, Brazil; professor at the Department of Mental Health and Collective Health at the same institution. E-mail: nanda\_sanfig@yahoo.com.br.

\*\*\*\* PhD in Sciences, University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; professor at the Nursing Department of the State University of Minas Gerais, State of Minas Gerais, Brazil. E-mail: maisa.leite@unimontes.br.

\*\*\*\*\* PhD in Public Health, University of São Paulo, State of São Paulo, Brazil; assistant professor at the Basic Nursing Department, Federal University of Minas Gerais, State of Minas Gerais, Brazil. E-mail: smsoares@enf.ufmg.br.

## Introdução

A desigualdade de gênero constitui uma das grandes controvérsias da sociedade que se mantém ao longo da história da civilização e tem colocado as mulheres em um lugar social de subordinação. Tal desigualdade tem como formas de manifestação a violência contra as mulheres, resultado de uma diferença de poder, traduzida em relações de dominação e força. Assim, a violência baseada no gênero tem se constituído em um fenômeno social que influencia sobremaneira o modo de viver, adoecer e morrer das mulheres (GUEDES; SILVA; FONSECA, 2009; REICHENHEIM et al., 2011).

As apreciações mais recorrentes para conceituar a violência de gênero são o emprego da força física (dimensão biológica) e a submissão e a opressão (dimensões psicológica e sociológica). Na maioria dos casos de violência contra a mulher, o agressor é o companheiro íntimo que mantém relações afetuosas com a vítima (LUCENA et al., 2012). As consequências da violência sofrida pela mulher materializam-se em agravos biológicos, psicológicos, morais e sociais, que dificultam sua experiência de viver a igualdade humana e social plenamente, com impactos socioeconômicos e políticos (AUDI et al., 2008).

Os serviços de saúde, em especial a Estratégia de Saúde da Família (ESF), tem um papel ímpar no manejo dos casos de violência contra a mulher nas comunidades devido à proximidade com a vivência das famílias (MENEZES et al., 2014). Apesar disso, estudos têm demonstrado como principais obstáculos para o reconhecimento da violência contra a mulher pelos profissionais de saúde: a ausência de treinamento, a falta de conhecimento sobre o manejo dos casos, a falta de segurança e pouco apoio às vítimas (BARALDI et al., 2012). Entender sobre os anseios, medos e expectativas das mulheres sobre sua saúde de maneira integral, levando em consideração as situações

de gênero e seu impacto na vida, é essencial aos profissionais de saúde (CARNEIRO; FRAGA, 2012; SOUZA e SOUZA et al., 2015).

O grupo operativo demonstra ser uma estratégia interessante a fim de explicitar anseios e receios latentes e aproximar os participantes da realidade dos sujeitos a partir do seu ponto de vista. Proposto por Pichon-Rivière, psiquiatra e psicanalista suíço naturalizado argentino, o grupo operativo pode ser definido por um conjunto de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, articuladas por sua mútua representação interna, que se propõe de forma explícita ou implícita a uma tarefa que constitui a sua finalidade. A técnica do grupo operativo pode, ainda, ser utilizado para o ensino e aprendizagem de maneira a empoderar os sujeitos para “aprender a aprender”. Dessa forma, essa aprendizagem se relaciona a uma modalidade de pensamento que busca o conhecimento situado em seu contexto histórico e objetiva criatividade, autonomia e transformação da realidade (PICHON-RIVIÈRE, 1998; SOARES; FERRAZ, 2007; PEREIRA, 2013).

Os grupos de mulheres é uma estratégia que vem sendo utilizada há tempos, desde o início do movimento feminista, com intuito de abordar e trabalhar as questões de gênero. Nesses espaços, o questionamento sobre a divisão dos papéis sociais entre homens e mulheres é discutido, possibilitando às mulheres se afirmarem como gênero na sua singularidade irreduzível (MENEGHEL et al., 2005). Tais grupos representam um caminho para a construção de estratégias coletivas de resistência à opressão das mulheres e de estímulo e fortalecimento da autonomia. A sustentação e apoio socioemocional são as forças interacionais internas dos grupos, intensificando as interações emocionais, comunicação aberta, compromisso e responsabilidade, participação ativa e criação de uma individualidade crítica (MENEGHEL;

ARMANI; SEVERINO, 2000; MENEGHEL et al., 2003).

Ressalta-se que o referencial adotado neste estudo é a técnica de grupo operativo, desenvolvida por Pichon-Rivière, no qual os participantes tornam-se sujeitos de sua própria mudança e transformação (PICHON-RIVIÈRE, 1998), uma vez que, na construção do grupo, buscou-se instaurar um processo de autonomia das mulheres. As bases teóricas que fundamentam tal técnica possibilitam múltiplas ações em saúde, ensino e trabalho, por isso ela tem sido utilizada em diversas pesquisas, especialmente nas áreas de saúde e de educação (CARDOSO; DALL'AGNOL, 2011; CASSOL et al., 2012; DUTRA; CORRÊA, 2015; FAGALI; OLIVEIRA, 2014). Assim, este estudo objetivou avaliar, sob o ponto de vista das participantes, aspectos importantes dos grupos operativos no manejo da violência contra a mulher.

### **Referencial teórico**

Zimerman (2007) classifica os grupos em dois tipos: grupos operativos e grupos psicoterapêuticos. Os grupos operativos sempre objetivam “operar” em uma determinada tarefa (aprendizagem), podendo ser divididos em quatro subtipos: institucionais, comunitários, ensino-aprendizagem e terapêuticos. Já os grupos psicoterapêuticos apresentam metas terapêuticas como alívio ou eliminação de sintomas, desenvolvimento de comportamentos mais saudáveis, entre outros. Dessa forma, o termo adotado neste estudo foi “grupos operativos”, pois há um processo de ensino-aprendizagem das mulheres.

Reforça-se que o termo grupo operativo, na maioria das vezes, não indica diretamente o uso do referencial teórico-técnico pichoniano, sendo utilizado para se contrapor ao grupo psicoterapêutico (PEREIRA, 2013). Entretanto, neste estudo, foi utilizado o termo atrelado à Teoria de Grupo Operativo de Pichon-

Rivière, pois objetivou colocar as mulheres no centro do processo de aprendizagem como seres ativos e protagonistas na construção do conhecimento e dos sentidos que davam significado a sua experiência humana.

A teoria de Pichon-Rivière traz a ideia do dinamismo grupal, em que os sujeitos assumem papéis no grupo que, em alguns momentos, podem ser modificados, interagindo para isso por meio de complexos mecanismos de adjudicação e assunção de papéis, bem como por meio de sentimentos ora manifestos ora latentes. Adjudicação é “entregar a outros o que é seu” e a assunção é “assumir o que é dos outros para si”. Em sua teoria do vínculo, Pichon-Rivière aborda a relação entre a estrutura social e a configuração do mundo interno e externo do sujeito. O fundamento motivacional do vínculo são as necessidades e sobre elas se estabelecem as relações subjetivas. Os vínculos são internalizados inicialmente na família e, em outros momentos, em grupos subsequentes. Um sujeito sadio pode modificar a realidade na qual está inserido e modificando-a, modifica a si mesmo, mantendo uma relação dialética com o meio (OSÓRIO et al., 1986; PEREIRA, 2013).

O grupo operativo se caracteriza por auxiliar na diminuição dos medos básicos (medo do ataque ao Eu e a perda do objeto), que paralisam o Eu e o tornam impotente. Os grupos operativos auxiliam em tornar esse Eu mais forte e adaptado à realidade. Trabalhar o esquema conceitual, referencial e operativo torna-se condição necessária para a comunicação e realização da tarefa (SOARES; FERRAZ, 2007; PEREIRA, 2013). Identificar a verticalidade e a horizontalidade, os papéis e os processos de transferência grupais viabilizam um entendimento da dialética grupal, que pode instrumentalizar e facilitar o processo de coordenar o grupo.

Segundo Pichón-Rivière, a interação no grupo pode ser evidenciada por indicadores de processos grupais, como a afiliação e a pertença

(grau de envolvimento do sujeito com a tarefa na afiliação, em um grau mais superficial, e pertença, se ocorrer de maneira mais profunda); cooperação (capacidade do integrante se relacionar com os demais); pertinência (consiste em centrar na proposta grupal); comunicação (possibilita observar os vínculos estabelecidos entre os integrantes); aprendizagem (desenvolve-se a partir da comunicação pela tese, antítese e síntese); tele (disposição positiva ou negativa na execução da tarefa ou interação grupal). Entender a dinâmica dos indicadores grupais viabiliza um entendimento mais amplo dos sentimentos manifestos e latentes no grupo (OSÓRIO et al., 1986).

### **Metodologia**

Trata-se de um estudo de caso com abordagem qualitativa. Os grupos operativos faziam parte do projeto de extensão da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), titulado “Diagnóstico e análise da violência contra a mulher no município de Montes Claros-MG: pesquisa-ação”.

As participantes dos grupos eram mulheres adultas, com idade entre 29 e 53 anos, residentes na área de abrangência de uma ESF na cidade de Montes Claros, norte de Minas Gerais, Brasil. Os grupos eram exclusivos para mulheres, que foram convidadas pelos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) durante as visitas domiciliares. Os cartões-convite com local e data dos encontros foram entregues para a maioria das mulheres da comunidade e aquelas que aceitaram participar voluntariamente das atividades se juntaram ao grupo. Reforça-se que os encontros não se restringiram apenas às mulheres vítimas de violência doméstica, entendendo que a temática deveria ser abordada nos diversos públicos.

A equipe que compunha o projeto era multidisciplinar: quatro docentes do curso de Enfermagem e 11 discentes dos cursos de graduação em Enfermagem,

Odontologia, Medicina e Serviço Social da Unimontes. Os coordenadores dos grupos foram previamente selecionados, levando em consideração o domínio da temática sobre violência, assim como a experiência na condução de grupos operativos no contexto da ESF. Sendo assim, foram selecionados dois coordenadores para todos os encontros.

O bairro, situado na região sudeste da cidade de Montes Claros, foi selecionado a partir de estudo prévio do mesmo grupo de pesquisa, por meio do levantamento de dados da Polícia Civil sobre as denúncias do município de violência contra a mulher, mapeando os locais de maior ocorrência dessas denúncias (LEITE et al., 2014).

As atividades foram desenvolvidas entre fevereiro e maio de 2013 e distribuídas em 10 encontros, divididos nas etapas de identificação das mulheres para inclusão nos grupos; elaboração e planejamento das atividades; observação dos aspectos do processo grupal; reflexão sobre esse processo. Os grupos foram intitulados “Café e prosa com as Marias”, a fim de torná-los mais leves e descontraídos, trazendo uma aproximação com a rotina das participantes, como se fossem realmente em estilo de prosa.

Os grupos, que contaram com a participação média de 10 mulheres, ocorriam quinzenalmente na Unidade de Saúde da Família escolhida e tratavam de temas sobre violência contra a mulher (tipos, causas, formas de enfrentamento); histórias reais ocorridas com mulheres da sociedade; relacionamento em família e educação dos filhos; bases legais da violência de gênero; instituição de uma Cultura de Paz. A definição de algumas temáticas ocorreu previamente à elaboração dos grupos, entretanto, houve outras demandas das participantes durante os encontros. Ressalta-se que os dias e horários também foram acordados com as mulheres, de forma que permitissem a participação contínua da maioria delas.

A fim de identificar os aspectos importantes dos grupos operativos no manejo da

violência contra a mulher sob o ponto de vista das participantes e à luz da teoria de Pichon-Rivière, foram realizadas observações durante a condução dos grupos, além da coleta de falas das mulheres.

As entrevistas duraram, em média, 25 minutos e foram realizadas nos domicílios das participantes em horários previamente agendados, possibilitando maior privacidade. Como critérios de inclusão para as entrevistas, levaram-se em conta as mulheres que participaram de, no mínimo, 70%, ou seja, sete encontros, e que aceitassem responder à entrevista. Assim, foram entrevistadas seis mulheres. Ressalta-se que, neste estudo, as entrevistadas não relataram episódios de violência.

A fim de manter o anonimato das entrevistadas, elas foram identificadas por “Marias” (Maria do Rosário; Maria Solidária; Maria Esperança; Maria Auxiliadora; Maria da Piedade, Maria das Graças). O nome “Maria” expressa feminilidade e tem ligação com o amor e com a família.

O estudo seguiu as diretrizes éticas determinadas na Resolução nº 466 de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2012). Todas as participantes receberam esclarecimentos quanto aos objetivos do estudo e, após concordarem com eles, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unimontes, por meio do parecer número 2008/2010.

## **Análise e discussão**

### **Caracterização do grupo**

As “Marias” entrevistadas encontravam-se na faixa etária entre 37 e 53 anos, cinco relataram ser casadas e todas possuíam, no mínimo, um filho. As principais ocupações citadas por elas foram doméstica e técnicas de

higiene dental. Havia dois coordenadores dos grupos, um do sexo masculino e outro do sexo feminino, ambos adultos e com experiência na temática da violência.

### **Desenvolvimento do grupo**

O grupo foi estipulado com intuito de criar um espaço para discussão sobre a violência contra a mulher no contexto urbano, trazendo para realidade o bairro escolhido, uma vez que um estudo prévio do mesmo grupo de pesquisa mostrou que o local apresentava índices elevados de denúncias de violência contra a mulher junto à Polícia Civil.

A instituição do grupo se deu, primeiramente, avaliando o bairro e se seria possível a sua implementação. Por se tratar de um tema polêmico, os grupos não foram instituídos segundo rótulos temáticos, pois haveria a possibilidade das participantes não aderirem às atividades. Assim, optou-se que os temas fossem incluídos nos grupos de forma sutil, pois era preciso que os cronogramas fossem seguidos, mas de forma que as próprias participantes sentissem necessidade de abordar os temas a partir da vivência nos grupos. A fala abaixo demonstra o sucesso dessa opção:

Muito legal, gostei. Não foi assim tão pesada, igual quando fala grupos de violência contra a mulher, o título é um pouco pesado. Então, a gente imagina que são palestras, com testemunho de mulheres, com fotos de mulheres agredidas, índices de agressões. E foi bem diferente, totalmente diferente. Foi mais orientando mesmo, as leis, dinâmicas. E isso torna o grupo mais descontraído, mais leve, muito bom. (Maria do Rosário)

Ressalta-se que, no primeiro encontro, formalizou-se o contrato com o grupo, definiram-se as datas, o local e os horários das reuniões, assim como houve a apresentação das participantes e dos coordenadores.



Os grupos foram divididos em 10, sendo que, de forma introdutória, realizou-se uma oficina de sensibilização que abordou o empoderamento da mulher e o autocuidado, reforçando a necessidade da mulher repensar seus diversos papéis na sociedade atual e seu valor dentro da família, trabalho e comunidade. Os 10 grupos foram conduzidos a partir de histórias reais ocorridas com mulheres da sociedade (1- A história da Maria da Penha; 2- Conceito e tipos de violência; 3- A história da Maria Defensora; 4- A história da Maria da Cruz; 5- A história da Maria das Dores; 6- A história da Maria do Socorro; 7- A história da Maria Auxiliadora; 8- A história da Maria da Piedade; 9- Cultura de Paz; 10- Por uma Cultura de Paz [e não violência]).

Os encontros eram divididos em momentos e duravam, em média, 1 hora e 30 minutos, sendo que as atividades educativas principais duravam 60 minutos. Antes de iniciar, os coordenadores preparavam o local, dispondo os materiais que seriam utilizados no dia. No primeiro momento, realizavam as boas vindas, o acolhimento das participantes e a exposição dos objetivos do encontro. No segundo momento, os coordenadores expunham uma canção que tivesse relação com a temática abordada no dia, de forma a sensibilizar as participantes. Já no terceiro momento, discutiam-se os conceitos e temas do dia, ora por meio de leitura da história da Maria ora por meio de encenação teatral. Em seguida, iniciava-se o momento “ação-reflexão-ação”, em que, norteadas por questões reflexivas, as participantes discutiam a relação da história da Maria com as vivências na comunidade. No quarto momento, as participantes cantavam novamente a música de abertura do encontro e faziam uma análise do dia. Nesse momento, eram firmados os acordos para o próximo grupo. No quinto momento, realizava-se um lanche, de forma a estimular a socialização e interação entre as participantes. Por fim, o local do evento era organizado pelos coordenadores e entregue à coordenação da USF.

É importante ressaltar que os grupos contaram com a participação de profissionais de referência na área jurídica e psicológica, de forma a enriquecer e embasar os debates.

Assim, tentou-se conduzir os grupos de forma que os temas abordados fossem sempre trazidos para o contexto em que estava inserido cada mulher, por julgar que, assim, a compreensão quanto ao fenômeno da violência seria melhor assimilado, compreendido e pudesse proporcionar uma reflexão. A fala abaixo evidencia este aspecto:

O grupo foi muito importante para conhecimento. Eu já sabia que a Lei Maria da Penha existia, mas vocês vieram pra somar com a comunidade, colocando no grupo a realidade ali, do dia a dia nosso. Têm muitas coisas lá que eu aprendi com vocês. Nas encenações de vocês, nas palavras suas, nos entendimentos, nas tarefas também, que foram colocadas pra gente. (Maria da Piedade).

### **Temas emergentes**

As reuniões tinham uma temática programada, mas ao se trabalhar com um método ativo de aprendizagem, ficava evidente no decorrer dos encontros a autonomia e participação das mulheres. O método ativo utilizado para provocar reflexões e instigar os diálogos no grupo levava, por vezes, os temas por âmbitos não programados pelo grupo, mas que enriqueciam e contextualizavam o cotidiano dessas mulheres.

Os temas que emergiram nos diálogos foram: violência contra a mulher (formas de enfrentamento); relacionamento em família e educação dos filhos; bases legais da violência de gênero; empoderamento estimulado pelas próprias integrantes; temas do cotidiano e as relações interpessoais na vivência das opressões ao gênero. Destaca-se que não só a violência

pelo parceiro íntimo foi abordada, mas também pelos homens com algum grau de parentesco.

### **Utilização de materiais didáticos e confecção de material educativo**

A fim de desenvolver as atividades, optou-se por utilizar alguns recursos audiovisuais, como vídeo, teatro e música. Notou-se que esses recursos facilitaram a compreensão e apresentaram melhor adesão na participação das mulheres, uma vez que elas sempre retomavam aos teatros e vídeos no momento das discussões como forma de exemplificar. Nota-se que isso foi bem destacado pelas mulheres nos discursos a seguir:

Uma coisa é virar para as mulheres que estão assistindo e dizer que a Maria da Penha estava lá: o marido veio e deu um tiro nela. E outra coisa é você estar usando vários sensores (ouvir e ver), quanto mais a gente escuta, vê, mais a gente aprende. (Maria Rosa).

As músicas deram pra ter uma visão diferente. Às vezes, a gente conhece a letra, o que é, o que foi, mas você não vê no dia a dia. (Maria das Graças).

Foram legais demais as histórias, como dizem assim, ao vivo e a cores. Eu vi as músicas muito profundas, tocou bem no íntimo da gente. Retrata o que acontece. (Maria Esperança).

Outro recurso utilizado foi a elaboração de uma cartilha ilustrativa que abordava de forma simples e clara a violência e os temas tratados em todos os encontros. Além da cartilha voltada para as mulheres, elaborou-se outra cartilha voltada para o profissional. Optou-se por formalizar a criação desses materiais para que outras equipes os utilizassem na condução de grupos de educação popular com mulheres nos diversos espaços. Assim, essas cartilhas foram publicadas em formato de livros e estão disponíveis com os autores e na Editora da Universidade Estadual de

Montes Claros (LEITE; FIGUEIREDO; SOUZA e SOUZA, 2014a; LEITE; FIGUEIREDO; SOUZA e SOUZA, 2014b). Nessas cartilhas constam todas as histórias das Marias, as músicas e os teatros utilizados nos encontros, assim como modelos para realização de 10 grupos com seus cronogramas e dicas de atividades a serem desenvolvidas em cada momento dos encontros.

As cartilhas foram entregues a cada participante ao final dos 10 encontros, concretizando a compressão sobre o tema, como notado nas falas da Maria do Rosário e da Maria Esperança:

A cartilha que eu recebi no grupo é muito boa, porque volta e meia eu pego e vou ler alguma informação. Alguma coisa que alguém me pergunta, aí eu procuro lá pra eu estar informando a pessoa. (Maria do Rosário).

O material meu tá na pastinha, coloquei tudo na pasta pra quando precisar, você tem que tá com o material pronto pra mexer, porque se você tem uma oportunidade, se eu pegar uma pasta é mais fácil do que sair catando as folhas soltas. (Maria Esperança).

### **Os coordenadores e seus papéis**

O que fica perceptível ao analisar a literatura é que o papel do coordenador tem passado por um processo de banalização com a disseminação de “técnicas”, “jogos” e “dinâmicas”, passando a falsa impressão de facilidade do desempenho do papel. O papel do coordenador está atrelado à própria concepção de grupo. Ele é um mediador entre o nível vivencial e perpassa pela compreensão crítica do grupo apontando seu caráter constitutivo nos processos grupais (ANDALÓ, 2001).

É importante reforçar que houve uma preparação dos coordenadores para assumir esses papéis. Foram realizados estudos prévios por parte dos coordenadores, objetivando apropriação da temática e das particularidades



que o assunto exige por ser polêmico e recoberto de ideologias socialmente impostas. O primeiro desafio vivenciado por eles foi a ruptura dos “pré-conceitos” que embalam a temática, despindo do estereótipo relacionado ao feminino e à subordinação. Além disso, durante as primeiras discussões, a exposição de pensamentos sexistas até pelas mulheres se mostrou um desafio. Essa atitude era esperada pelo fato da desigualdade de gênero ser algo enraizado e perpetuado socialmente há anos, internalizando nas mulheres essa posição de subordinação. Assim, nesses momentos iniciais, os coordenadores encontraram dificuldade na condução e no manejo desses discursos, tendenciados a adotarem postura de mero repasse de informações ou palestrantes para instrumentalizarem as discussões que viriam.

Autores enfatizam que é preciso resistir à ideologia de desigualdade de gênero, adotando uma postura política contra o modelo hegemônico sexista, identificando o feminino como imagem e como relações que podem e devem ser fortalecidas (SILVA, 2010; BANDEIRA, 2014).

Um segundo desafio imaginado pelos coordenadores foi o fato de um deles ser do sexo masculino, podendo, na ideologia da equipe do projeto, ser um fator que inibisse a participação das mulheres. Entretanto, esse desafio foi encarado, pois, como afirmam os autores, os homens necessitam se unir às mulheres e somar esforços no combate à violência (LIMA; BUCHELE; CLIMACO RAMOS, 2008). A escolha por manter o coordenador do sexo masculino foi hesitante, mas houve a aceitação das participantes, acolhendo-o e confiando no seu papel.

Na tentativa de superar os desafios, os coordenadores adotaram técnicas não diretivas, tentando tornar a situação de grupo em um campo de “investigação-ativa”. Buscaram facilitar a comunicação entre as integrantes, de modo a permitir que o grupo fosse realmente operativo, isto é, que ultrapasse

os obstáculos na resolução da tarefa. Assim, constatou-se que os coordenadores realizaram o trabalho com êxito. Abaixo, são esplanadas algumas falas que retomam a realização da atividade, reforçando o sucesso dos grupos:

É uma iniciativa muito louvável! Que vocês continuem sempre assim, e que no mundo a gente possa ter mais amor ao próximo. (Maria do Rosário).

Vocês me ajudaram e eu posso ajudar outras pessoas, eu posso ser uma multiplicadora dentro da família. Eu vou ser uma multiplicadora, porque essa barreira aí, a gente tem que tentar derrubar ela, e através de vocês que estão nos grupos, a gente vai conseguir derrubar essa barreira, é possível sim intervir. (Maria Rosa).

Eu achei muito interessante! Eu já falei pras minhas meninas, já falei com minha irmã que mora em Belo Horizonte, entendeu? Que foi legal. Já falei pras minhas noras, falei pros meus filhos. (Maria Esperança).

## **Considerações finais**

Nota-se que a teoria de grupos operativos elaborada por Pichon-Rivière possibilitou descrever os aspectos grupais de forma sistematizada, facilitando o desenvolvimento do grupo. Além disso, a abordagem ancorada nessa teoria proveu às mulheres um espaço de discussão de uma temática que aflige diariamente este público, criando um ambiente em que discutiram, refletiram, trocaram experiência, riram, choraram, apoiaram-se, contribuindo para uma maior autonomia dessas mulheres.

Além disso, foi possível compreender que mesmo não vivenciando esse fenômeno como vítimas diretas, as participantes conheciam sobre a temática e reconheciam a importância dos grupos nas discussões junto a sociedade civil, no sentido de mobilização dos diversos seguimentos sociais no combate à violência de gênero.

Ressalta-se que os grupos de educação popular que manejam a violência contra a mulher devem ser amplamente utilizados, com vistas à promoção da saúde e bem-estar das mulheres e ao estímulo do pensamento crítico como estratégia capaz de gerar transformações nas vidas das mulheres e do meio em que elas estão inseridas (comunidade e lar).

Por fim, conclui-se ainda que, a partir dos indicadores do processo grupal na teoria pichoniana aqui abordados, essa estratégia dos grupos operativos torna-se uma forma efetiva do profissional de saúde construir, interpretar e reavaliar modelos de trabalhos com grupos pautados no pensamento crítico sobre a adaptação ativa da realidade.

## Referências

ANDALÓ, C. S. de A. O papel do coordenador de grupos. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 12., n. 1, p. 135-152, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642001000100007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000100007)>. Acesso em: 31 ago. 2015.

AUDI, C. A. F. et al. Violência doméstica na gravidez: prevalência e fatores de associados. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. 5, p. 877-885, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102008000500013&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-89102008000500013&script=sci_arttext)>. Acesso em: 27 ago. 2015.

BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, maio/ago. 2014.

BARALDI, A. C. P. et al. Violência contra a mulher na rede de atenção básica: o que os enfermeiros sabem sobre o problema? **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 12, n. 3, p. 307-318, ago./set. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1519-38292012000300010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1519-38292012000300010&script=sci_arttext)>. Acesso em: 27 ago. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012.

CARDOSO, A. S. F.; DALL'AGNOL, C. M. Processo grupal: reflexões de uma equipe de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 45, n. 6, p. 1412-1418, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n6/v45n6a19.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2016.

CARNEIRO, A. A.; FRAGA, C. K. A Lei Maria da Penha e a proteção legal à mulher vítima em São Borja no Rio Grande do Sul: da violência denunciada à violência silenciada. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 110, p. 369-397, abr./jun. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282012000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282012000200008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 8 ago. 2016.

CASSOL, P. B. et al. Tratamento em um grupo operativo em saúde: percepção dos usuários de álcool e outras drogas. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 132-138, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v33n1/a18v33n1.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2016.

DUTRA, W. H.; CORRÊA, R. M. O grupo operativo como instrumento terapêutico-pedagógico

de promoção à saúde mental no trabalho. **Psicologia**: ciência e profissão, Brasília, v. 35, n. 2, p. 515-527, abr./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v35n2/1982-3703-pcp-35-2-0515.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2016.

FAGALI, E. Q.; OLIVEIRA, M. M. V. Os desafios da aprendizagem em projetos sociais: reflexões sobre incubadoras universitárias de empreendimentos solidários com enfoque multidisciplinar. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 22, n. 23, p. 34-50, 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cp/v22n23/03.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2016.

GUEDES, R. N.; SILVA, A. T. M. C.; FONSECA, R. M. G. S. A violência de gênero e o processo saúde-doença das mulheres. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 625-631, set. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452009000300024&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452009000300024&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 10 mar. 2016.

LEITE, M. T. S. et al. Ocorrência de violência contra a mulher nos diferentes ciclos de vida. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 1, p. 85-92, fev. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692014000100085&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692014000100085&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 26 maio 2015.

LEITE, M. T. S.; FIGUEIREDO, M. F. S. F.; SOUZA e SOUZA, L. P. **Era uma vez... as Marias**: guia de apoio à luta contra a violência doméstica. Montes Claros: UNIMONTES, 2014a.

\_\_\_\_\_. **Violência doméstica**: guia para grupos operativos com mulheres. Montes Claros: UNIMONTES, 2014b.

LIMA, D. C.; BUCHELE, F.; CLIMACO, D. A. Homens, gênero e violência contra a mulher. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 69-81, jun. 2008.

LUCENA, K. D. T. et al. Análise espacial da violência doméstica contra a mulher entre os anos de 2002 e 2005 em João Pessoa, Paraíba, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 6, p. 1111-1121, jun. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v28n6/10.pdf>>. Acesso em: 7 ago. 2012.

MENEGHEL, S. N. et al. Cotidiano ritualizado: grupos de mulheres no enfrentamento à violência de gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 111-118, mar. 2005.

MENEGHEL, S. N.; ARMANI, T.; SEVERINO, R. Cotidiano violento: oficinas de promoção em saúde mental em Porto Alegre. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 193-203, jan. 2000.

MENEGHEL, S. N. et al. Impacto de grupos de mulheres em situação de vulnerabilidade de gênero. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 955-963, ago. 2003.

MENEZES, P. R. M. et al. Enfrentamento da violência contra a mulher: articulação intersetorial e atenção integral. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 778-786, jul./set. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902014000300778&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902014000300778&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26 maio 2015.

OSÓRIO, L. C. et al. **Grupoterapia hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

PEREIRA, T. T. S. O. Pichon-Rivière, a dialética e os grupos operativos: implicações para pesquisa e intervenção. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rspagesp/v14n1/v14n1a04.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2016.

PICHON-RIVIÈRE, E. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REICHENHEIM, M. E. et al. Violence and injuries in Brazil: the effect, progress made, and challenges ahead. **Lancet**, London, v. 377, n. 9781, p. 962-1975, jun. 2011. Disponível em: <[http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(11\)60053-6/abstract](http://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(11)60053-6/abstract)>. Acesso em: 27 ago. 2015.

SILVA, S. G. Preconceito e discriminação: as bases da violência contra a mulher. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 30, n. 3, p. 556-571, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v30n3/v30n3a09.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2016.

SOARES, S. M.; FERRAZ, A. F. Grupos operativos de aprendizagem nos serviços de saúde: sistematização de fundamentos e metodologias. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 52-57, mar. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v11n1/v11n1a07.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2015.

SOUZA e SOUZA, L. P. et al. “Em briga de marido e mulher, não se mete a colher?” Análise da violência baseada no gênero e o papel do setor saúde. **Revista Gestão & Saúde**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 79-94, dez. 2015. Disponível em: <<http://www.gestaoesaude.unb.br/index.php/gestaoesaude/article/view/1058/pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2016.

ZIMERMAN, D. A importância dos grupos na saúde, cultura e diversidade. **Vínculo**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 1-16, dez. 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-24902007000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902007000100002)>. Acesso em: 16 set. 2016.

Submetido em 7 de agosto de 2016.

Aprovado em 5 de outubro de 2016.